

maio
junho
71



*Estais Realmente
Prontos
Quando Chega
o Sábado?*

PÁG. 21

O

MINISTÉRIO adventista



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2015

Ano 37	Mai-Junho	N.º 3
--------	-----------	-------

NESTE NÚMERO

MAIS CONVERSÕES Rubén Pereyra	2
SE EU FOSSE UM JOVEM PREGADOR... Herbert Ford	5
UM DEUS PARA ESTA ERA ESPACIAL Dr. Fernando Chaij	8
LÍNGUAS MÍSTICAS ESTÃO SENDO FALADAS Roland R. Hegstad	12
NAO DESPREZES O DOM QUE HÁ EM TI Werner Vyhmeister	17
ESTÁS REALMENTE PRONTOS QUANDO CHEGA O SÁBADO? Ruth Harms	21
PERGUNTAS SOBRE DOUTRINAS A SEGUNDA VINDA DE CRISTO	23

EDITORIAL

Mais Conversões

RUBÉN PEREYRA

↪ **SCREVEMOS** estas linhas apenas alguns dias depois de terminadas as reuniões das comissões plenárias, de fim de ano, da Divisão. Entre os muitos votos tomados se destacam os que têm relação com os alvos que fixamos para o próximo ano e as metas para o período que medeia entre o momento presente e a próxima assembléia da Conferência Geral. Entre estas últimas figura: "alcançar um total de 500.000 membros até o fim de 1975" e "batizar 270.000 almas até 31 de março de 1974."

Serão estas metas demasiado elevadas? Pareceria que sim. Entretanto, não o são se considerarmos o fato de que a nossa é uma mensagem urgente e final para o mundo.

Nestes últimos dias, lemos com muitíssimo interesse um livro de aparecimento recente intitulado "O Crescimento da Igreja na América Latina"* que é o resultado de um minucioso estudo realizado durante meses por um grupo de pesquisadores, através de todo o território latino-americano. Existem dados surpreendentes e muito reveladores. Poderíamos citar o fato de que, em gráficos que apresentam o crescimento das igrejas na América Latina, ocupamos o primeiro lugar em oito dos quinze países pesquisados, o segundo em outros três, o terceiro em dois, o quarto em um, e, somente no Brasil, não figuramos entre as igrejas mencionadas apesar de que ali temos feito progressos tão destacados. Em outro gráfico relativo ao número de membros, entretanto, aparecemos em sétimo lugar no Brasil.

Os autores do livro mencionam amiúde a Igreja Adventista e seus progressos. Ressalta o fato de que nosso crescimento tem sido constante na grande maioria dos países, sem altos e baixos como é o caso de muitas outras organizações que subiram e baixaram sua curva com o decorrer dos anos.

Ao analisar as organizações evangélicas que operam em cada país, os autores dividem o mundo protestante em cinco grupos que são:

* Ver nota bibliográfica.

Missões de Fé, Pentecostais, Novas Denominações, Adventistas e Denominações Tradicionais. Por que nos classificaram como um dos cinco grupos? Esta é sua resposta: "Por motivo do padrão de crescimento sem paralelo dos adventistas, temos classificado separadamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia." (Pág. 70.)

A mesma razão levou o escritor católico William J. Whalen, professor de História da Universidade de Purdue, nos Estados Unidos, a escrever aquele artigo intitulado "Por que os Adventistas do Sétimo Dia Estão Sendo Bem Sucedidos" que termina com apreciações tais como esta: "Muitos aspectos do adventismo desagradam aos católicos e protestantes, mas notamos que em determinados setores — educação primária, manutenção da igreja, observância do sábado, esforço missionário, reforma pró-saúde, atividades de assistência social — podemos descobrir algumas coisas no adventismo que de forma adaptada podem enriquecer nossa vida como católicos." — Ministério Adventista, jan.-fev. 1967, pág. 16.

Quando lemos tais declarações, nos alegramos e com certa razão. Chegamos a ser respeitados e em certas áreas admirados. Nossas instituições são modelo para muitos. Recentemente o Colégio e o Sanatório Adventista del Plata, na Argentina, foram declarados centros de interesse turístico do Estado e as empresas turísticas organizam permanentemente visitas de grupos a essas instituições. Ao próprio colégio adventista lhe foi concedido pelo Ministério de Educação, a licença para abrir um novo curso normal de acordo com a reforma educacional, privilégio outorgado somente a outras duas instituições do Estado, deixando de lado a poderosos centros educacionais estaduais e católicos. Por que essa distinção? Sem dúvida porque somos apreciados, porque nos consideram dignos dessa honra. Chegamos a ser grandes!

Entretanto, há outra maneira de encarar este assunto. Lemos as seguintes palavras da pena inspirada: "Os adventistas do sétimo dia estão fazendo progressos, duplicando seu número, estabelecendo missões e desfraldando o estandarte da verdade nos lugares escuros da Terra; todavia a obra está avançando muito mais morosamente do que Deus o quereria." — Serviço Cristão, pág. 123. A frase inspirada continua com um "por quê" ao que responde imediatamente dando algumas das soluções.

1 Não há dúvida de que nosso avanço é lento. Existem muitas cidades, mesmo em nosso continente, onde não existe nenhum adventista. Além disso, naquelas cidades onde a obra está estabelecida por décadas existe ainda gente para quem a palavra adventista — e portanto sua mensagem — são desconhecidas. É certo que não esperamos que todos se convertam, mas todos devem chegar a ser conscientes da rea-

lidade da hora em que vivemos e ter a oportunidade de fazer sua decisão. Em relação a isto nos perguntamos, qual será a experiência das pessoas que estão morrendo diariamente ao nosso redor, mesmo naquelas cidades onde a obra está estabelecida por décadas?

O pensamento que nos leva a estas meditações é este: Não devemos nos conformar ou nos sentir demasiado lisonjeados com os triunfos obtidos pois ainda há muito por fazer. Por outro lado, tampouco deve nos desesperar a insignificância de nossos esforços, comparando os frutos com o que falta por fazer. Devemos estudar quais são as promessas de Deus e quais as condições que ele requer para cumpri-las. E graças a Deus as condições estão claramente apresentadas nos escritos sagrados. E-nos dito que "onde uma alma se salvou teríamos vinte." (1) Também que, preenchendo certos requisitos, "haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma." (2) Mais ainda "mais de mil se converterão brevemente em um dia," (3) e até se promete que "o poder que tão eficazmente sacudiu o povo no movimento de 1844, revelar-se-á outra vez" (4) de maneira que "haverá tantos conversos em um dia como houve no dia de Pentecostes." (5)

O curioso é que esses momentos de triunfo não serão caracterizados necessariamente por uma semente proporcional à colheita que se realize. Declara-se que "os argumentos foram apresentados, a semente foi semeada e agora brotará e frutificará." (6) A única coisa que detém a chuva que a seu tempo fará brotar a semente é que as condições para sua recepção não se cumpriram ainda. Quais são? Na própria ordem das promessas mencionadas, enumeramos as condições: "purificar seu coração pela obediência à verdade," sentir a importância do conhecimento e da polidez das maneiras na obra de Cristo," humilhar-se perante Deus, e ser bondosos e corteses e compassivos e piedosos," "estar humildes e crentes aos pés de Jesus," eliminar o espírito de supremacia e conseguir unidade." E logicamente se fala de um trabalho mais intenso mediante o qual "centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus."

Serão estas, simples frases poéticas ou utópicas espirituais? Sem dúvida que não o são. É a inspiração que as pronuncia e não pode ser somente poesia. É o que Deus quer fazer e já está fazendo em diferentes lugares do globo. Citemos um exemplo: Não é fácil evangelizar a Índia. A União Sul desse país, durante anos e anos, colheu entre 1.000 e 2.000 almas por ano. Em 1969 um secretário ministerial e evangelista da União decidiu pedir o cumprimento das promessas divinas e desafiou aos obreiros do campo a cumprir o ideal de Deus em suas vidas e a trabalhar como não o tinham feito

nunca antes. O resultado foi imediato, 5.649 almas ganhas em 1969 e uma maravilhosa colheita em preparação durante 1970 que promete resultados extraordinários.

"Não sejamos escravos da história" repetia com insistência o pastor E. E. Cleveland aos alunos do Curso de Extensão de 1969. "Se no ano passado batizamos vinte, este ano nos conformaremos com vinte e dois" parece ser a filosofia de muitos. E lamentavelmente, na opinião de alguns faltos de fé, uma colheita fora do comum se deve "a um campo muito fácil," "a um trabalho superficial" ou a outras causas diversas, mas poucas vêzes damos graças a Deus pelo derramamento de Seu poder através dos mensageiros que querem fazer o que Deus diz que podem fazer por Sua graça. Na América do Sul batizamos 33.000 almas no ano passado, por que não poderíamos batizar 60.000 este ano? A promessa diz: "onde uma alma se salvou teríamos vinte." Isto equivaleria a 660.000 este ano! A condição não é que surjam super-homens através da América do Sul mas, simplesmente, "bondosos e corteses e compassivos," "purificar seu coração pela obediência à verdade," "eliminar o espírito de supremacia" etc.

Por que não pensar mais nisto e orar? Ali está o desafio, ali estão as promessas. Aceitemos

o primeiro e procuremos o cumprimento das segundas.

1. Evangelismo, pág. 110.
2. Beneficência Social, pág. 86.
3. Evangelismo, pág. 693.
4. Evangelismo, pág. 693.
5. Evangelismo, pág. 692.
6. Evangelismo, pág. 701.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

O CRESCIMENTO DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

William Read, Victor Monterroso e Publicado pela Editora Mundo Cristão S/C
Caixa Postal, 9.500 - São Paulo - SP
R. Alvaro de Carvalho, 118, 3.º Andar
Fone: 32-7303, pág. 473 - Data de publ. 1970

A matéria exposta neste livro, é o resultado de uma pesquisa de mais de 10 meses realizada pelos autores na América Latina, sob a direção e supervisão do INSTITUTE OF CHURCH GROWTH AND SCHOOL OF WORLD MISSION do Seminário Teológico Fuller.

O livro está profusamente ilustrado e documentado através de gráficos comparativos que representam os adeptos e o ritmo de crescimento das igrejas principais de cada país estudado, além de estudos comparativos de toda a América Latina. Há comentários muito interessantes sobre as razões do crescimento ou estagnação de determinadas congregações, o que merece ser analisado por cada pastor adventista.



Se Eu Fosse um Jovem Pregador...

HERBERT FORD

Relação Pública da *Voz da Profecia* (EE. UU.)

“EU pregaria a Bíblia; pregá-la-ia claramente, com simplicidade, sem afetação, procurando que suas mensagens fôssem fundo e diretamente ao coração do povo. Coisa alguma convencerá, converterá e conservará como a Palavra. Ela é a Palavra viva do Deus vivo, e por isto mesmo todo-poderosa aonde quer que Ele a dirija!”

Quem está falando é o Dr. H. M. S. Richards, fundador da *Voz da Profecia* e decano dos ministros da igreja adventista do sétimo dia. Ele está dizendo o que faria se fôsse um pregador jovem, iniciando agora o seu ministério.

“Uma vez um médico, que havia sido convertido pelo trabalho evangelístico de Dwight L. Moody, precisou explicar como isto havia acontecido. Disse êle, em resposta à pergunta que lhe fôra feita: ‘Eu fui ouvir o Dr. Moody, sem nenhum outro propósito senão o de ter alguma coisa de que rir. Eu sabia que êle não era um erudito, e pensei que poderia encontrar muitas falhas em seus argumentos. Mas verifiquei que não podia com o homem. Êle es-

tava ali, escondido por trás de sua Bíblia, e desferindo verso após verso em cima de mim, até que afinal conseguiu acertar-me como num tiro de rifle, e eu me converti.’

“Todo jovem pregador — e os velhos também — precisam dessa espécie de ‘esconderijo’ ali na Palavra de Deus,” disse o Dr. Richards. “É o único lugar verdadeiramente seguro para o pregador, desde que êle o conheça e saiba como usá-lo.

“Eu tenho milhares de livros em minha biblioteca particular, mas se de repente êles me fôssem tirados e sômente a Bíblia ficasse, eu ainda seria um pregador bem provido. Teria ainda o mais poderoso instrumento que o pregador pode ter. Com ela eu falo com confiança à mais sofisticada, ou mais degradada, ou mais incrédula das pessoas.”

Com um cândido sorriso brincando em seu rosto venerável, o pastor Richards sentiu-se animar:

“Se eu fôsse um jovem pregador, iniciando agora, eu tomaria a firme resolução de ter um

tempo regular cada dia para ler a minha Bíblia, e o Espírito de Profecia também, mas principalmente grandes porções da Bíblia toda.

“Deve-se ficar longe — longe do telefone, que é uma das coisas torturantes da vida jacto-propelida de hoje. Encontre-se um recanto sossegado, e procure-se a pessoa mesma *educar-se para o silêncio!* Muitos pregadores procuram lugar de quietude, o que está bem, mas levam consigo todos os seus problemas, com o resultado de que jamais conseguem sentir-se aquietados eles mesmos, perdendo assim a bênção de uma atitude receptiva para com a Palavra.

“É preciso que haja silêncio absoluto ao redor,” êle afirma. “Ali está apenas o homem, o Deus do Céu, e Sua Palavra. Fale então o pregador com Êle pedindo-Lhe que lhe dê a calma, que lhe abra a mente, que lhe conceda luz. Absorva-se então na Palavra com todo o ser!

“O pregador começará então a crescer nessa espécie de dieta. E o povo que o ouve começará também a crescer. Como sabeis, há algo maravilhoso na relação entre pregador e Palavra. Se êle conhece bem a Palavra, está capacitado a ir a fundo dentro dela, a transmiti-la de tal maneira que vidas são mudadas, corações são abrandados, aos jovens se dá esperança e alvos para a vida. . . .”

Afundando-se em sua cadeira ao lado de pequena mesa com livros, em sua biblioteca, o Dr. Richards inclina-se para diante procurando dar ênfase a um ponto que apenas ferira:

“Os ministros jovens, de modo especial, precisam estudar as profecias da Bíblia. Há para isto duas boas razões: Primeiro, a mente de Deus é encontrada em tal estudo. Se Deus falou, é nosso dever buscar saber o que foi que Êle falou. Se Êle deu indicações de alguma forma sôbre o que está agora fazendo ou qual o Seu propósito na História, é de grande importância que o saibamos. Segundo, o estudo das profecias é importante porque êle dá uma correta perspectiva da História. Por intermédio de um acurado estudo podemos compreender nosso tempo, o significado dos movimentos da atualidade e das crises que estão ocorrendo.

“Profecias cumpridas são um poderoso argumento em favor da Bíblia. É importante lembrar que o Velho Testamento, por exemplo, contém a mais maravilhosa cadeia de profecias concernentes à vida, Pessoa e obra de nosso Senhor. Precisamos conhecer essas profecias melhor cada dia. A Bíblia é a mestra dêste conhecimento essencial.”

O Dr. Richards se levanta, sua figura alta, esguia, como que se rebelando ante a tarefa, tendo-se em conta que caminha pelo menos cinco quilômetros cada dia. “Eu não me poderia imaginar como ministro neste tempo

confuso, de aturdimiento, a menos que me ativesse a um diário estudo da Bíblia.

“Ainda que caíssem os céus, eu estudaria a minha Bíblia. Que caiam! Tudo no mundo hoje parece estar caindo! É certo como dois e dois que se o pregador deixar que qualquer coisa se interponha entre êle e a Bíblia, estará enfraquecendo o seu ministério.”

Ao deter-se ante uma prateleira de livros, aconchegado num sobretudo de pele de urso, presente de um amigo, o Dr. Richards fala com convicção sôbre o lugar da Bíblia na vida do ministro, e suas observações evocam as palavras de um estudioso que analisou sua vida e sermões intimamente, isto é, o Dr. Wilbur Alexander, em sua tese definitiva. Diz êle:

“A multiplicidade de citações da Bíblia, característica em seus sermões, indica que êle considera êste livro como grande autoridade. Isto se torna mais evidente das categóricas afirmações que faz, e que revelam sua opinião da superioridade da Bíblia sôbre tôdas as outras fontes de autoridade. É importante neste ponto que se citem várias das afirmações de Richards para ilustrar sua implícita confiança em argumentar na base da autoridade escriturística:

“Volvamos às Escrituras como autoridade.”

“Estas são palavras de Jesus, e portanto verdadeiras.”

“Há apenas uma fonte de informação sôbre estas questões . . . e por isto nos volvemos para o Livro de Deus em busca de luz.”

“As palavras de Cristo e Suas mensagens têm autoridade, porque Êle é o Filho de Deus.”

“Se temos de saber alguma coisa, afinal, da origem do mundo, será pela revelação. As Sagradas Escrituras sustentam ser esta revelação.”

“Podemos dizer confiados na autoridade da Palavra de Deus que . . .”

“As Sagradas Escrituras são a única fonte de informação sôbre a natureza do homem e seu destino.”

Bíblias em numerosas traduções se enfileiram nas estantes bem perto da mesa de trabalho do Dr. Richards. Gastas, rustidas, elas têm evidentemente sido usadas vêzes sem conta. Mesmo as versões mais recentes têm sinais de constante uso. Há as Bíblias de púlpito, com letras grandes, mais fáceis de serem lidas pelos olhos do Dr. Richards, cuja visão foi enfraquecida por acidente em criança; e há as Bíblias de estudo, algumas de letras menores. Tôdas mostram estarem sendo usadas, marcas e sublinhadas.

“É todo o instrumento de trabalho que o pregador tem, tudo conduzindo para um só ponto,”

diz este homem, ao tirar uma Bíblia da estante. "Privai da Bíblia o pregador, e o que restar não será mais do que uma coleção de tratados filosóficos, incoerentes na melhor das hipóteses, e jorrando conjecturas na pior. As pessoas hoje não precisam ser 'filosofadas' ou 'existencializadas.' O que precisam é ser evangelizadas pela Palavra de Deus.

O povo não está mais interessado em complexidades. A sofisticação de nossa sociedade programada em computadores, com sua luguibridade antinatural e licenciosidade sem precedentes, faz que o povo corra em busca de alguma coisa certa, alguma coisa em que possa confiar. A Bíblia é sua resposta, e o pregador sua esperança. Se eu fôsse um jovem pregador hoje, desperdiçaria mais tempo com minha Bíblia, tirando dela respostas para as frustrações de hoje, gastando mais tempo com ela do que com qualquer outra coisa em meu ministério. Eu devoraria o Livro em busca de maneiras mais eficazes de responder aos problemas que estão enviando milhões para os leitos como doentes mentais, derruindo lares e causando generalizada confusão.

"Necessitamos hoje de pregadores da Palavra, mais do que em qualquer outro tempo no passado. Olhe simplesmente ao redor e veja os problemas! Veja que cada um tem resposta na Bíblia, cabendo ao pregador que casou sua vida com o Livro encontrar essa resposta."

A vida do Dr. Richards está, sem dúvida, casada com o livro. Falando de um dia típico na vida de Richards, diz o Dr. Alexander: "Quando êle desperta de manhã, ora enquanto ainda na cama, quando então dá graças a Deus por mais um dia, e com Êle planeja o trabalho do dia. Antes de levantar-se êle lê vários capítulos da Bíblia que está a sua cabeceira.

"Uma vez de pé, vai para a sua sala de estudo e ora algum tempo de joelhos antes de vestir-se para iniciar o trabalho. Dos hábitos devocionais de Billy Sunday êle adotou a idéia de orar enquanto trabalha, estuda ou caminha. E observa: 'Cada vez que minha mente pensa em Deus eu oro, agradecendo-Lhe pela vida e

pedindo-Lhe que abra o meu coração para coisas. Peça-Lhe que me ajude naquilo que estou fazendo. Asseguro-Lhe não raras vezes que O amo e que desejo representá-Lo, e servi-Lo e ser-Lhe leal. Peça-Lhe muitas vezes durante o dia que me perdoe por falhas cometidas. Isto me ajuda a manter-me apegado à grande Fonte de vida e poder que está sempre à disposição.'

"Neste condicionamento mental o Dr. Richards ora, enquanto trabalha, em favor de seus sermões no rádio e por tôdas as cartas pessoais que chegam a sua mesa e às quais responde.

"Sendo que êle passa parte de cada dia em caminhadas para fazer exercício, então ora enquanto caminha. Quando possível, se estiver sozinho em sua caminhada, êle gosta de orar em voz alta. Ao escurecer Richards dirige o culto familiar, depois do que vai ler na cama o Nôvo Testamento, e ora uma vez mais antes de adormecer.

"O alimentar-se da Palavra realmente faz o pregador," diz o servo de Deus. "Eu nada seria não fôra o conhecimento que recebi da Bíblia. Bem, naturalmente que antologias, biografias, comentários, têm tido o seu lugar; mas são de importância secundária para o meu pensamento em relação com o que a Bíblia tem-me ensinado. Quantos pregadores seria possível mencionar — na verdade grandes pregadores em termos de conquista de almas — que não tenham sido coerentes e profundos estudantes da Bíblia? A resposta é: Nenhum!

"Na crônica de vidas transformadas — homens e mulheres que moveram o mundo por Cristo — transformação esta que vem de alimentar-se da Palavra de Deus, não vejo como qualquer jovem obreiro hoje possa negligenciar um diário convívio com as Escrituras e esperar ganhar almas para Cristo.

"Pense-se nas vidas transformadas, desde Saulo de Tarso a João Bunyan e Cata Ragoso, e tôda a grande hoste gloriosa de testemunhas de ontem e de hoje! O testemunho de cada vida é o mesmo: há poder na Palavra para converter tanto o pregador como seus ouvintes."

Um Deus Para Esta Era Espacial

Tema apresentado pelo Dr. Fernando Chaij no Concílio Ministerial de Veracruz, México.

Frente ao movimento moderno denominado "Deus morreu," existe alguma certeza para a fé?

CADA vez que um pregador protestante, cansado de ver os bancos de sua igreja semi-vazios, quer fazer um verdadeiro impacto sobre o interesse de seus membros e encher completamente o templo com um auditório pendente de seus lábios, anuncia algum sermão relacionado com o tema do moderno "ateísmo cristão" (valha o contra-senso): "Deus morreu." Isto é o que ocorre hoje nos Estados Unidos, segundo opinião autorizada. *Revista Time*, 8 de abril de 1966, pág. 85.

Porque entre os paradoxos desta década singular de contrastes em que vivemos, se destaca o aparecimento de um curioso movimento moderno encabeçado por um grupo limitado de dirigentes religiosos e professores universitários, (os principais são: Tomás J. J. Altizer, professor da Universidade de Emory, Atlanta, EE. UU.; Guilherme H. Hamilton, professor da Faculdade de Teologia Colgate, de Rochester, Nova Iorque e Paulo Van Buren, professor da Universidade de Temple, Filadélfia) que pretendem afirmar a morte de Deus. A seu ver, eles ascenderam a um nível de intelectualidade mais elevado do que o da imensa maioria de seus colegas e correligionários e se jactam de terem chegado, portanto a um grande "descobrimento": "A morte de Deus."

Estes pensadores protestantes pretendem navegar em uma corrente "nova," mas se esquecem que, apesar de sua arrogância, a negação de Deus é praticamente tão antiga como a humanidade. Por isso, dez séculos antes de Cristo o salmista escreveu: "Disse o néscio em seu coração: Não há Deus." (Sal. 14:1). E ao fazê-lo anunciou a tendência ancestral de uma linha ininterrupta de pessoas que caíram vítimas da arrogância intelectual, pois segundo explica o apóstolo Paulo, "inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos." (Rom. 1:22).

Em tempos mais recentes, o filósofo francês

Augusto Comte, em meados do século passado, elaborou uma teoria segundo a qual a humanidade como tal teria passado coletivamente por três etapas ou estados sucessivos: o estado teológico ou das ficções, o metafísico ou da abstração filosófica e o científico ou positivo. Segundo êle, à medida que o homem avança do estado religioso para o científico vai se movendo da sua infância para a maturidade intelectual. Karl Marx, criador do determinismo econômico que deu nascimento ao comunismo moderno; Sigmund Freud, criador da teoria do inconsciente e da técnica da psicanálise e Frederico Nietzsche, filósofo alemão, navegaram na mesma corrente de ateísmo. Este último precisamente cunhou a frase: "Deus morreu." O ramo ateu dos existencialistas modernos — cujos principais representantes são Camus, Sartre e Heidegger — também pretende negar a Deus.

Não faz muito, coube-me assistir uma conferência a respeito. O amplo anfiteatro da Universidade de Stanford, Califórnia, estava repleto de público trinta minutos antes da hora anunciada para o começo da conferência. As portas tinham sido fechadas e grupos de pessoas descontentes regressavam ou davam voltas pelos jardins em frente ao lugar do encontro, esperando escutar talvez do lado de fora o desenvolvimento do tema por meio de alto-falantes. A apresentação de nossa credencial de jornalista nos evitou, felizmente, a mesma sorte e nos permitiu ocupar, na segunda fila de poltronas, um dos últimos assentos reservados para a imprensa.

O orador não era nada menos que o Dr. João A. T. Robinson, bispo anglicano de Woolvich, Inglaterra, que alcançou um quarto de hora de fugaz celebridade devido a que, apesar de levar o hábito de bispo, teve a ousadia de se unir ao grupo da "nova teologia" que nega a Deus. Escreveu recentemente um livro intitulado Ho-

nest to God, que foi um êxito de livreria desde o princípio. E o foi, não pela novidade de seus conceitos nem pela solidez filosófica ou claridade teológica — já que a verdade é o oposto — mas pela circunstância de que o autor expressa idéias próximas ao ateísmo enquanto conserva um cargo episcopal na igreja oficial da Inglaterra.

Sua conferência de uma hora foi lida palavra por palavra. Sômente assim poderia êle ter acumulado tal pletora de frases trabalhadas para expressar conceitos vagos, vazios e sem sentido. Segundo êle, o homem necessita fazer uma revisão fundamental de sua idéia de Deus. Propôs abandonar completamente o nome de Deus, e negou — como o faz em seu livro, Sua existência como uma realidade objetiva, transcendente, que exista em alguma parte do cosmos.

Embora se pudesse escrever um livro inteiro sôbre êste movimento que o ateísmo maneja como seu lema fundamental e embora possa se falar extensamente acêrca de suas principais figuras, não acreditamos que mereça que se lhes dedique aqui mais que esta mera menção, sômente para colocar o rótulo que identifique a êsses pensadores.

Em troca, para ser construtivos, queremos responder a duas perguntas básicas: 1) Existe algum fundamento sólido para edificar uma certeza a respeito da existência de Deus e da fé cristã? 2) Que sentido tem êste surgimento moderno do ateísmo, aparecido esta vez no seio de algumas das próprias instituições máximas que pretendem ensinar o cristianismo?

A Certeza Científica da Existência de Deus

Nesta era de conquistas científicas alguns pretenderam não aceitar outra coisa que aquilo cuja existência pudesse ser demonstrada por provas empíricas realizadas no laboratório. E portanto exigiram uma prova da existência de Deus. Mas ao fazê-lo adotaram a atitude mais anti-científica que se possa conceber.

Não se pode comprovar empíricamente a existência de Deus, assim como não se pode demonstrar no laboratório a existência do amor nem a da angústia. A estas grandes categorias imateriais, que escapam à experimentação científica, não se pode aplicar o método empírico que permite observar, medir, pesar, tocar, projetar sôbre a tela etc.

Mas Deus tampouco necessita ser demonstrado ou provado. Sua existência é um axioma: é uma verdade evidente e necessária que não exige demonstração. Não podemos provar a infinidade do espaço, mas sabemos que o espaço é infinito porque se trata de uma evidência que se impõe à nossa razão.

Além disso, guiados pela lógica mais elemental, teríamos que cair forçosamente no absurdo, se, por exemplo, ao observar um imenso

e complicado edifício de apartamentos, tirássemos a conclusão de que nenhuma mente nem nenhuma mão intervieram na obra, mas que a casualidade reuniu os materiais, os tijolos, o cimento, o ferro etc., nas exatas dimensões e proporções que os engenheiros e arquitetos demoram dias em desenhar e calcular e que também, pela mesma casualidade, êsses materiais se foram colocando em seus respectivos lugares e se formaram assim os quartos, os banheiros, as escadas, os elevadores, os fios elétricos, a instalação de aquecimento e refrigeração, os azulejos e os mil elementos decorativos que entram na construção de uma casa.

Da mesma forma, teríamos que incorrer em um absurdo, sômente que mil vêzes maior, se quiséssemos afirmar que, tanto as maravilhas do macrocosmo, o imensamente grande — onde se abisma o espírito e a mente se reduz a nada — como as do microcosmo — a célula e o átomo — que revelam um indiscutível propósito, um desenho, uma combinação de leis admiráveis e um desdobramento de fôrças infinitas, chegaram à existência porque sim, sem a intervenção de um Criador. Com o mesmo raciocínio, a *Ilíada* poderia ter sido escrita pelo acaso com a cauda de um porco.

Essa é a causa pela qual não existe povo algum na Terra, por primitivo ou incivilizado que seja, que não tenha algum conceito de Deus. Pode existir povo sem arte, sem indústria, sem agricultura, sem arquitetura, sem vestuário, mas não existe povo sem religião.

Porque além da evidência íntima que cada ser humano tem de Deus, existe um extraordinário desdobramento de realidades externas que sustentam esta convicção e fazem com que o senso comum, do qual cada um de nós está dotado, aceite a existência de um Criador como algo que está fora de tôda discussão. "Os céus proclamam a glória de Deus — afirma a Palavra inspirada — e o firmamento anuncia a obra de Suas mãos." (Sal. 19:1).

As magnitudes estelares causam vertigens. As distâncias são abismais. Não cabem em nossa concepção. O Sol é 1.500.000 vêzes maior que a Terra. E entretanto, é uma das menores estrêlas do firmamento. A Terra, o Sol e todos os seus planêtas, constituem apenas um grão de areia na Via Láctea, ou seja, o gigantesco conjunto estelar do qual formamos parte e que é uma galáxia. Mas esta galáxia é uma entre milhares de outras galáxias que povoam os espaços infinitos de Deus. Viajando à velocidade da luz, ou seja a 300.000 quilômetros por segundo, se demora quatro anos para chegar à estrêla mais próxima do nosso planêta. Continuando à mesma velocidade, milhões de estrêlas não poderiam ser alcançadas em tôda a vida de um homem, nem em várias gerações sucessivas.

Mas mesmo descendo dessas alturas insondáveis e nos limitando ao que nos é mais acessível, observamos da mesma forma a mão do poder infinito de Deus: A vida com tôdas suas manifestações maravilhosas. A flora multiforme e majestosa que cobre os bosques, o tapête de esmeralda que veste os campos, a escala multicolor de florzinhas silvestres que cinzelam a verde relva dos prados cheios de sonhos. Tudo fala de Deus e de seu amor. Mesmo a vida em sua expressão mais simples, a célula, a ameba, proclama a obra de Deus.

Mas quando observamos o homem, a coroa da criação, o ser feito à imagem do Ser infinito e estudamos as estruturas complicadíssimas de seus órgãos e aparelhos, a sinergia ou combinação admirável de suas funções e sobretudo o mecanismo extraordinário do sistema nervoso e o cérebro, sede da consciência, da razão, das emoções e da inteligência inventiva, ficamos esmagados pela evidência incontrovertível de que tudo isto responde à obra prodigiosa de Deus e aceitamos com reverência e gratidão as primeiras palavras do Gênesis, base de tôda a Bíblia: “No princípio criou Deus.” (Gên. 1:1.)

A Origem do Ateísmo

Por que, então, existe ateísmo neste mundo? Por que sempre existiu? Ninguém nasce ateu. O ateu se faz. E se faz depois de um processo deliberado em que a vontade humana intervém de forma preponderante. O apóstolo São Paulo, um grande homem de Deus e ao mesmo tempo uma pessoa culta, um grande filósofo, analisa êste processo. “Porque os atributos invisíveis de Deus — explica o apóstolo — o Seu eterno poder como também a Sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis.” (Rom. 1:20.) As maravilhas da Natureza são uma evidência esmagadora da existência, do poder, da divindade e do amor de Deus, de maneira que os homens “são indesculpáveis” para não crer n’Ele.

Mas o que acontece com alguns? Sigamos a explicação do apóstolo: “Tendo conhecimento de Deus não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.” (Idem, 1:21 e 22.) Quer dizer que, tendo à sua disposição tôda a evidência interna e externa e carecendo por completo de desculpas, preferiram negar voluntariamente o que sabiam ser verdade e no afã de parecerem mais sábios do que os demais começaram a usar raciocínios filosóficos vazios e sofismas sutis para negar a Deus. Desta forma se envaideceram em uma atitude pseudocien-

tífica. Então a luz natural de Deus, “a verdadeira luz que ilumina a todo homem” (S. João 1:9) se apagou e chegaram a crer no erro como se fôsse verdade: “obscurecendo-se-lhes o coração insensato.” “Inculcando-se por sábios, “tornaram-se loucos” ou ignorantes.

E isto pode acontecer também com professores universitários e até com ministros religiosos e bispos que ostentam títulos doutorais. Pois quando o homem se afasta deliberadamente de Deus e de Sua revelação e se encerra em uma torre de falsa intelectualidade, o Senhor o abandona e a luz divina se apaga em sua alma.

É verdade que em muitos casos o ateísmo pode resultar numa reação daqueles que não conheceram nada mais além de um cristianismo distorcido e divorciado da Palavra de Deus e até da lógica e da justiça. A formação atéia também pode responder uma educação materialista proporcionada desde os primeiros anos, à leitura de livros ou à influência de amigos ateus. Mas sempre o processo comporta matar o sentido de Deus que o homem tem implantado no íntimo de seu ser de forma inata e apagar a luz divina na alma.

A corrente moderna de teólogos revolucionários pretende que nesta era espacial se necessita fazer uma revisão do conceito da Divindade. O bispo episcopal americano James A. Pike, por exemplo, acredita que é indispensável modernizar a religião cristã, para colocá-la à altura dos fantásticos progressos da ciência e com o novo código de moral que impera em nosso mundo moderno. Portanto, desprezaram a doutrina bíblica da Trindade, o nascimento virginal de Cristo e a encarnação do divino Filho de Deus. E até rebate a realidade de Deus e a eficácia da oração. (Revista *Look*, 22 de fevereiro de 1966. S. Francisco, Chronicle, 12 de outubro de 1964.) E junto com esta desastrosa modernização teológica, vai também uma revolução de tipo ético. “Os muçulmanos — afirma êle — oferecem um só Deus e três mulheres. Nós oferecemos três Deuses (isto é uma deformação do ensino bíblico) e uma só esposa.”

Não importa quais sejam as honras, os títulos universitários ou os cargos hierárquicos de que um indivíduo esteja investido, nenhum ser humano pode arrogar-se a sabedoria ou a autoridade de teorizar acêrca de Deus ou de colocar as bases de um novo cristianismo que satisfaça os gostos desviados, os hábitos licenciosos e o afã de novidade de um mundo que se chama científico e moderno. Nem a ciência nem o mundo podem ser critério para a religião.

Existe uma só base autêntica da verdadeira doutrina de Cristo. Existe uma só voz autorizada que pode nos explicar a natureza e as dimensões de Deus. É a revelação, a Palavra inspirada, a Bíblia, na qual o Criador do espaço e de suas maravilhas, o formador do átomo e de seus mis-

térios, nos apresenta de maneira clara, simples, consoladora, a realidade com respeito a Si mesmo. Essa Palavra é a única fonte de onde brota pura a água refrescante que mata a sede da alma, que satisfaz a ânsia de infinito, que converte em um fato o anelo de felicidade e de imortalidade.

A natureza de Deus escapa à investigação científica, filosófica e histórica. Não pode ser “descoberta” pelo empirismo nem pelo racionalismo. Necessita ser conhecida por revelação.

Enquanto a “teologia,” a filosofia e a “falsamente chamada ciência” acumulam palavras vãs que lisonjeiam o gosto do coração irremediado e presunçoso do homem, a revelação traça com linhas definidas e belas a imagem majestosa de Deus. Apresenta-O não somente como uma realidade objetiva e autêntica, mas como um ser pessoal (Êxo. 3:1-6), infinito (I Reis 8:27), todo-poderoso (S. Luc. 1:37), espiritual (S. João 4:24), onipresente (Sal. 139:7-12), criador de tudo quanto existe (Gên. 1:1; Sal. 33:6 e 9) e profundamente interessado no bem-estar dos seres feitos à Sua imagem e semelhança (S. João 3:16; I S. João 4:8; II S. Ped. 3:9; Oséias 11:4).

Neste quadro maravilhoso que por inspiração divina nos pintam os autores da Bíblia — e que é a única imagem autorizada e fidedigna de Deus — vemos o nosso Pai Celestial, cheio de misericórdia, de benignidade, que formulou um plano sábio e realizável para nossa felicidade neste mundo e no mundo do futuro, um Pai que “amou . . . ao mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (S. João 3:16.)

O Cúmulo da Evidência

Poderia se enumerar uma série de fatos objetivos e indubitáveis como evidência da existência de Deus — um Deus pessoal, cheio de sabedoria e amor — as maravilhas da criação, as leis da Natureza, o cumprimento histórico das profecias bíblicas etc.

Entretanto, a evidência máxima é de ordem interna e tem que ver com nossa própria relação individual com Deus e com Cristo Seu Filho. A direção da divina Providência em nossa vida cotidiana, a manifestação de Seu amor em Seu terno cuidado por nós, as orações respondidas, a paz que é resultado do perdão do pecado, o poder divino que transforma nosso caráter e nos dá a vitória sobre nossas debilidades e fraquezas, proporcionam uma certeza absoluta que ninguém nos pode tirar, embora caiam os céus. Não foi sem motivo que o apóstolo disse: “Sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.” (II Tim. 1:12.) Desta forma, a

certeza da fé cristã se torna absoluta e completa. Oferece paz ao coração e confiança no poder divino. Proporciona tranquilidade e bem-estar na vida.

O Maior Absurdo Teológico e Seu Significado

Ninguém se admira de que um Comte, um Marx, um Nietzsche ou um Freud se vangloriem do ateísmo. Mas resulta o mais descarado de todos os absurdos que um grupo de teólogos pretendam conservar a Cristo e o nome de cristãos enquanto negam a Deus.

Por que é que pessoas de aparente hierarquia intelectual, que ocupam altas posições eclesiásticas ou que na qualidade de professores universitários pretendem ser os condutores da juventude estudiosa, renegaram de Deus ou pretenderam deformar sua figura sublime com elucubrações insensatas?

Primeiro, porque quiseram buscar originalidade e celebridade. Anelaram ser admirados como sábios inovadores. Para isso, rejeitaram a evidência da realidade de Deus, “se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato — assim o explica São Paulo. — Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.” (Rom. 1:21 e 22.) E *segundo*, porque nunca desfrutaram de uma autêntica experiência vital de relação pessoal com Deus. Nunca O conheceram cara a cara, intimamente. E ao carecer desse conhecimento da primeira mão, experimental, desconhecaram a mais linda, significativa e transcendental realidade da vida, visto que dela depende nossa felicidade presente e nossa salvação eterna. “E a vida eterna é esta — explicou o apóstolo São João: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (S. João 17:3.) O domínio das verdades da ciência, assim como dos fatos da Natureza e da História pode resultar fascinante. Mas o conhecimento pessoal de Deus e de Cristo é “a ciência das ciências,” porque proporciona nada menos que vida eterna.

Por outro lado, a corrente de “ateísmo cristão,” a absurda “nova teologia” ou o movimento de “Deus morreu” que sacode o cambaleante edifício de algumas igrejas populares e que concita o interesse enfermizo de multidões de homens e de mulheres que nunca conheceram por experiência direta a Deus como um Pai nem a Cristo como seu Salvador e melhor amigo, não é senão um sintoma alarmante dos tempos.

Foi São Paulo que, ao falar dos “últimos dias,” a etapa final de nossa civilização, quando Deus interviria poderosamente nos destinos deste planeta e Cristo viria por segunda vez como Rei e Senhor, disse: “Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis;

(Continua na pág. 16)

De onde vêm?
Que mensagem trazem?
Análise de um movimento
carismático.



Línguas M Se

DESEJO falar-vos a respeito de um movimento carismático — ou Néo-Pentecostismo — como é também chamado. É um movimento que está levando o chamado batismo do Espírito Santo — com tôdas as suas implicações como o falar línguas, curas miraculosas etc. — para o seio das principais igrejas protestantes e do catolicismo.

“Carismático,” com efeito, vem do grego *charisma*, e se refere de forma mais específica

aos dons dados pelos Espírito Santo para o bem da igreja.

Há quatro razões por que eu creio que o movimento carismático merece nossa atenção:

1. Porque é apresentado como sendo o meio pelo qual o poder energético do Espírito Santo prepara o mundo para a volta de Cristo.

2. Porque está transpondo barreiras denominacionais, e até sociais e raciais, de modo espetacular.

...ticas Estão do Faladas



3. Porque está neste mesmo momento confrontando o ministério adventista com perguntas de magnitude profética, e logo, posso antecipar, exigirá de nós julgamentos exegéticos que só pode ser feito por pessoas informadas e cheias do Espírito. E esta observação antecipa minha quarta razão para o exame do movimento.

4. Porque necessitamos do Espírito Santo; necessitamo-Lo desesperadamente para capaci-

ROLAND R. HEGSTAD

Redator da Revista *Liberty*

tar-nos como pregadores, e aqui está um movimento que se propõe ser precisamente isto. Admito, portanto, que êle merece nosso exame com oração e atenção.

Proponho-me a examinar o movimento de forma abreviada, e então sugerirei quatro observações que ajudarão o leitor a formular sua própria resposta sôbre sua natureza e origem.

A apenas 48 km do sul de nossa Universidade Andrews está a Universidade de Notre Dame, uma instituição jesuíta conhecida muito mais por suas equipes de futebol do que por seu impacto espiritual dentro do mundo católico.

Mas ali, começando no verão de 1967, numa reunião que teve lugar na sala 316, ouvia-se o clamor: "Vem, Espírito Santo, vem!" E fontes católicas relatam que o Espírito Santo realmente apareceu, com poder carismático, a centenaes de sacerdotes, freiras e estudantes.

Típica de muitas outras experiências foi a de Roger Alexander, um estudante católico romano que freqüentava a Universidade Estadual do Michigan. Em companhia de outros estudantes, em 1967, numa sexta-feira à noite, êle foi a Notre Dame na esperança de participar do fenômeno carismático experimentado por certo número de estudantes e outros. Aqui está o relato do que ocorreu então:

"As reuniões começaram na sexta-feira à noite, mas o "depor as mãos" não ocorreu até sábado à tarde. Neste intervalo eu ouvi muitos testemunhos da obra do Espírito Santo na vida de outros. Tornei-me cada vez mais convicto da validade desta experiência, e contudo quando o dirigente disse: "Todos os que desejarem que se ore em seu favor, queira por obséquio vir para o centro (estávamos assentados em círculo), algo ainda me deteve. Ao observar os meus amigos, fiquei terrivelmente assustado. Um dêles estava clamando: 'Eu amo a Deus!' Quando consegui controlar-me, comeci a pensar: Seria possível a alguém possesso do diabo clamar: 'Eu amo a Deus'? Estas eram pessoas que eu conhecia, e certamente não eram susceptíveis de acesso de histeria. Nesse momento outro grupo de amigos retornou aonde eu estava, e êles me perguntaram se poderiam orar por mim. Eu estava ainda temeroso, e assim pedi para ser exorcisado primeiro. (Poucas semanas antes eu não pensava sequer poder vir a crer no diabo.) Então, quando começaram a orar por mim, uma sensação física estranha começou em minhas mãos e pés e se espalhou pelo corpo todo. Eu estava como uma corrente elétrica ou como se o interior do meu corpo se agitasse contra a minha pele. Pela primeira vez em minha vida eu tinha uma real

compreensão do poder de Deus. Depois disto eu me sentei por um breve tempo e orei, agradecendo a Deus pelas maravilhas que Ele me havia mostrado. Súbito os meus lábios começaram a tremer. De nôvo eu estava assustado, e então, acompanhado por uma jovem de minha escola, saí para o *hall*. É ao ajoelhar-me uma estranha série de sons se derramou de meus lábios. Eu não tinha contrôle sobre êsses sons, e no entanto estava cheio de intensa felicidade e paz como jamais experimentara antes.”¹

O que tem ocorrido em Notre Dame e outros colégios católicos é apenas um microcosmo do fenômeno carismático que está tocando o catolicismo. Em 8 de novembro de 1968, em um número de *Commonweal*, publicação católica leiga, o padre beneditino Kilian McDonnel relata que bispos católicos “estão mistificados, cautelosos (êles fazem parecer bispos SDA!), e basicamente descontentes” com o fenômeno carismático que somente a partir de 1967 surgiu dentro do catolicismo. McDonnel informa que até o momento as autoridades católicas nada têm feito “para erradicar o movimento.”²

Tenho examinado relatórios de sessões carismáticas não apenas em Notre Dame, mas também em Duquesne e em Santa Cruz de Worcester, em Mass. Um líder pentecostal refere que cerca de 10 mil sacerdotes, freiras e leigos tinham participado do movimento lá pelos começos de 1969.³

Na verdade encontros entre católicos e pentecostais não é tão surpreendente como possa parecer. Os dois não são opostos irreconciliáveis. Com efeito, o pentecostismo tem absorvido em sua piedade “elementos essenciais do misticismo franciscano e jesuíta.”⁴

É interessante notar que experimentos católico-pentecostais com o fenômeno carismático operam-se em ambientes não católicos desde de Yale à Universidade de Washington. Tão espalhada está a prática que o govêrno (dos EE. UU.) recentemente fez uma doação para pesquisa dêste fenômeno psicológico e lingüístico. Através de todo o país estudantes estão mostrando (entre movimentos de rua) crescente interesse pelos dons carismáticos, particularmente e glossolalia, ou o falar em línguas. (Glossolalia vem do grego *glossa*, “língua,” e *lalia*, “falar,” “discursar” etc.)

Oral Roberts e Uma Visão

Uns dois mil pastôres filiados às denominações do protestantismo histórico são mencionados como tendo recebido o dom de línguas.⁵ Talvez tenhais ouvido que Oral Roberts, dedicado a cura pela fé, deixou as fileiras pentecostais e se filiou à igreja metodista, em resposta, diz êle, a uma direta visão de Jesus Cristo, durante a qual lhe foi sugerido levar o seu ministério de

cura às igrejas históricas da cristandade, e por meio delas, ao mundo.

Roberts fala desta experiência; que ocorreu em 9 de maio de 1968:

“Então eu soube com certeza . . . que o Espírito do Senhor estava começando a Se mover sobre a Terra de uma maneira que o homem não havia experimentado antes . . . para levar Seu poder curador a minha geração.”⁶

Um aspecto interessante de muitas sessões carismáticas é o seu caráter interdenominacional. Episcopais, metodista, presbiterianos e católicos estão se reunindo juntos, orando juntos, unindo-se as mãos e falando línguas juntos. E o movimento está ganhando amplitude mundial.

Em seu livro *Christian Reality and Appearance*, John A. Mackay, presidente emérito do Seminário Teológico de Princeton, sugere o potencial do movimento:

“Num tempo de mudanças revolucionárias — quando tôdas as estruturas institucionais estão ruindo na ordem secular e religiosa; quando as igrejas do protestantismo histórico estão-se tornando cada vez mais burocratizadas, quando um número cada vez maior de membros de igrejas estão-se reunindo em células e no submundo não eclesiástico quando a igreja católica romana está manifestando progressiva preocupação evangélica e aprofundado senso do que significa ser cristão; quando o movimento carismático está avançando para além de tôdas as fronteiras eclesiásticas — não pode acontecer que . . . o futuro cristão acabe ficando com uma igreja católica reformada e um pentecostismo amadurecido?”⁷

Fascinante conclusão, não é? Mas permita-se-nos perguntar: Qual é o significado dêste extraordinário movimento que assim tão depressa alcançou evidência? São os primeiros pingos da chuva serôdia que Deus disse haveria de levar Seus seguidores a uma renovação e reforma? Seria isto a grande obra do anjo de Apocalipse 18? Ou seria êste um falso reavivamento caracterizado pela prática de sinais e prodígios de mentira que a Bíblia diz precederia a volta de Cristo?

Se êste movimento é a obra do Espírito Santo, somos levados a perguntar: Por que não se manifesta na igreja remanescente? Dar-se-ia que nossa mornidão tenha de tal forma ferido o coração de Deus que afinal, com tristeza, Ele Se tenha afastado de nós? Estão outros sendo qualificados para dar o testemunho que nós temos há muito negligenciado?

Ou seria que o Espírito Santo está também entre nós? Estaria a chuva serôdia caindo ao nosso redor, e nós tão cegados por mundanidades e indiferença que não o percebemos?

Parece-me que seja o que fôr êste movimento — a primeira manifestação da chuva serôdia ou “o grande engano” no qual haveriam de cair os que não receberam o amor da verdade para serem salvos — o desafio para nós é igualmente impelente, pois num ou noutro caso, apenas

uma viva experiência com Jesus Cristo nos poderá salvar.

A pergunta persiste: Qual o significado deste extraordinário movimento? Permitam-se formular, em resposta, quatro observações que ajudarão cada um a tirar sua conclusão pessoal:

1. O movimento carismático deve o seu crescimento a igrejas que fracassaram e estão levando o seu povo ao fracasso.

É indiscutível que qualquer um pode concluir que o movimento deve sua própria existência a duas enfermidades do corpo de Cristo. A primeira é a diversidade teológica — que vai do fundamentalismo ao universalismo passando pelo existencialismo. O segundo é denominacionista — a fragmentação do corpo de Cristo. “Que caminho devemos tomar?” é o clamor de milhões de corações desnordeados. E súbito, abrindo caminho através da confusão de “igrejismos,” vem uma experiência — o batismo do Espírito Santo, ratificado, na maioria dos casos, pela experiência em falar línguas. A experiência testifica que, subitamente, dramaticamente, uma pessoa pode ser levada ao coração da realidade espiritual. Não admira que este movimento esteja-se espalhando como se uma vasoura espiritual estivesse varrendo as teias de aranha das colunas da estrutura eclesiástica:

Considere-se, por exemplo, como e por que o movimento carismático começou no *campus* da Universidade de Duquesne, uma instituição católica em Pittsburgh. Em 1966 dois professores da faculdade ficaram preocupados com a falta de dinamismo de fé em sua vida. A despeito de todas as suas atividades na igreja, sua “escolástica torre de marfim,” como diziam, deixava-os vazios. Assim decidiram examinar as Escrituras, orar e meditar. Descobriram então que a primeira igreja teve poder porque Cristo, depois de Sua ascensão, enviou-lhes o Espírito Santo. Num instante o amedrontado grupo de discípulos foi transformado numa comunidade de fé, amor e ação — ação de tão concentrado poder que eles viraram o mundo de pernas para o ar, por assim dizer.

Os dois professores de Duquesne descobriram que o que os discípulos pediram na segura certeza de receber, de fato receberam. O Espírito Santo veio sobre eles, para transformar-lhes a vida. . . . E assim dois dos homens oraram dia após dia: “Vem, Santo Espírito, vem!”

Um dia eles ouviram falar de um grupo ecumênico onde cristãos depunham as mãos uns sobre outros, orando com confiança pelo derramamento e os dons do Espírito Santo. Em companhia de outro professor da faculdade e a esposa de um deles, começaram a freqüentar o grupo. Dentro de poucas semanas, eles contam, viram-se como pessoas mudadas. Jesus Se tornou real para eles. A Bíblia adquiriu nova atração. Encontraram nova ousadia na fé, nova

confiança na presença e amável poder de Cristo. Receberam também, eles dizem, muitos dos dons do Espírito Santo.

Tôda Uma Noite em Oração

Em meado de fevereiro de 1967, um pequeno grupo de estudantes e mais alguns professores da faculdade de Duquesne decidiram realizar um fim-de-semana de oração, meditando sobre os primeiros quatro capítulos de Atos e buscando a vontade de Deus. Cerca de trinta pessoas tomaram parte neste retiro.

Na noite de sexta-feira eles se reuniram em oração para buscar a vontade de Jesus Cristo em suas vidas. Oraram e estudaram todo o dia do sábado. A tarde do sábado havia sido posta de lado para relaxação. Na verdade haveria uma festinha em homenagem a um dos sacerdotes presentes ao retiro, pois fazia anos. Mas em vez disto, passaram a noite em oração e vigília, das sete da noite às cinco da manhã. Durante essa noite, um ou outro, diziam, haviam recebido o Espírito de Deus. Alguns oraram em línguas estranhas, outros quietamente choraram de alegria, enquanto outros ainda oravam e cantavam. Foi a partir deste fim-de-semana em Duquesne que a experiência se espalhou, chegando a Notre Dame e agora penetrando os quatro cantos do mundo católico nesta região.⁸

Vêde o que esta experiência sugere? Por muito tempo credos estéreis e formalismo frio têm ocupado o lugar do Cristo vivo em Sua igreja viva. Há em todo o mundo uma fome, e a experiência carismática vem até eles, não com a doutrina, mas oferecendo uma experiência em Cristo.

Ousamos nós impugnar os que, no *campus* e fora, seja de que igreja fôr e com que grupo fôr, estão procurando o batismo do Espírito Santo? Ou nossa primeira preocupação deve ser: “Conheço eu a realidade do Espírito Santo em minha vida?”

Nunca esqueço as ansiosas semanas de minhas primeiras experiências como obreiro, quando concluí que estava destituído do poder de Deus, que estava me dirigindo para o púlpito com confiança em palavras antes que na Palavra. E a terrível preocupação que se apossou de minha alma quando compreendi que seria responsabilizado pelo crescimento espiritual de meu rebanho. Jamais esquecerei ps dias e noites de oração e exame que me levaram afinal através dos rasgões de minha profissão de fé à presença da Divindade. Finalmente, no delubar da manhã, brotaram de meus lábios — não sons ininteligíveis como o baluciar de uma criança — o claro som de um testemunho de confiança e triunfo: Jesus Cristo é o Senhor de minha vida; estou aceito nEle!

O testemunho do seu ministério, amigo, é tudo o que realmente devia ser? O povo raramente se erguerá acima da experiência do seu pastor, sabemos muito bem.

E vós outros, professores, qual é vossa experiência? Um de nossos jovens adventistas que esteve em visita a um colégio do Meio-Oeste, mantido por igreja evangélica, disse-me: "Fiquei profundamente impressionado com a atmosfera espiritual. Os estudantes pareciam ter uma grande preocupação: como preparar-se para o serviço por Cristo. Oravam juntos em seus quartos e particularmente nos próprios aposentos. Falavam acerca de Cristo — êste era o tema de conversação no *campus*. Creio que muitos dos estudantes que encontrei realmente conheciam a Jesus Cristo. E eu fiquei pensativo, perguntando-me a mim mesmo se eu também O conhecia, e pensando sobre o que seria a condição de meu colégio... e de minha igreja."

Repito, o movimento carismático deve o seu crescimento a igrejas que falharam e cujos membros continuam falhando. E nós não estamos em posição de assumir o trono chamado "Mais Santo do que Tu" e apontar o dedo.

Bibliografia

1. Roger Alexander, "The Holy Spirit at Michigan State," *Acts, Today's News of the Holy Spirit's Renewal*, September-October, 1967, pág. 23.
2. Kilian McDonnell, "Holy Spirit and Pentecostalism," *Commonweal*, Nov. 8, 1968, pág. 203.
3. Dr. David du Plessis, founder and former secretary of the World Pentecostal Council in a speech at Minneapolis. Reported by Religious News Service, Sept. 17, 1969, pág. 19.
4. Evangelical Press Service, February, 1970.
5. Du Plessis, speech.
6. Oral Roberts, "I Have Seen Jesus Again," *Abundant Life*, part one of a three-part report, July, 1968, pág. 4.
7. John A. Mackay, *Christian Reality and Appearance* (Knox Press, 1969), printed on the cover of *Monday Morning*, a magazine for Presbyterian ministers, Nov. 17, 1969.
8. *Digested from Kevin and Dorothy Ranaghan, "Stirrings in Pittsburgh," Catholic Pentecostals*, Paulist Press, Paramus, N. J., 1969, págs. 6-23.

(*Continua no próximo número.*)

Um Deus Para Esta Era . . .

(*Continuação da pág. 11*)

pois os homens serão . . . enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder." (II Tim. 3:1-5.)

Unindo esta predição paulina à reflexão pro-

fética de Cristo que já mencionamos em outro artigo "quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" (S. Luc. 18:8.), chegamos à clara conclusão de que nossa época se caracterizaria por um notável contraste entre o aumento de uma pretendida religiosidade, ou seja a "forma de piedade" e a escassez do poder ou eficácia da religião na vida dos cristãos; entre o acréscimo estatístico da afiliação religiosa e a diminuição da "fé" verdadeira.

E a fé consiste em aceitar sem deformações ou desnaturalizações ao Deus da Bíblia como nosso Pai e a Seu Filho Jesus Cristo como nosso Salvador; em aceitar Sua Palavra inspirada como a revelação de Sua vontade, Sua lei como a norma moral de nossa vida e Seu Evangelho como Seu maravilhoso plano salvador e restaurador.

Sim, o Deus que necessitamos para esta era espacial não é outro que o Deus que fez o espaço infinito com suas maravilhas, o átomo com seus mistérios, a célula com seu dinamismo vital. E é o Deus real e pessoal da Bíblia, com quem podemos manter uma relação individual, o único que dá sentido à vida. E é o que logo há de intervir no mundo para apagar a mancha do pecado e estabelecer Seu reino de amor.

Sómente em Deus e Sua Palavra, em Deus e Seu poder, em Deus e Seu Filho Jesus Cristo, o homem pode satisfazer suas mais profundas inquietudes, resolver seus maiores problemas e encontrar a verdadeira plenitude da vida. Cada qual tem o privilégio de cultivar sua relação pessoal com Ele, aceitar os princípios de Seu Evangelho, obedecer Seus preceitos e desfrutar da satisfação mais autêntica que êste mundo possa proporcionar.

Finalmente, esta negação da fé por parte de um grupo de dirigentes religiosos e o interesse que êste tema desperta nas multidões, não é nada mais do que os sinais dramáticos do iminente regresso de Cristo. O próprio Senhor Jesus profetizou: "Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" (S. Luc. 18:8.)

A hora que o mundo vive se reveste de tremenda gravidade e nos anuncia os albores do dia feliz em que terminará a impiedade, a injustiça, a dúvida, o temor e a morte. É a hora de firmar nossa certeza para não resvalar pelo declive da incredulidade. É a hora de consolidar nossa experiência pessoal com Deus como nosso Pai e com Cristo como nosso amigo e Salvador.



PASSOS DO PREGADOR

Não Desprezes o Dom que há em Ti

WERNER VYHMEISTER

INTRODUÇÃO

O PRESIDENTE de certa mesa leu uma carta singular:

“Tenho muitas condições. Tive muito êxito como pregador, e também como escritor. Alguns dizem que sou bom organizador. Atuei como dirigente na maior parte dos lugares onde estive.

“Tenho mais de cinquenta anos. Nunca preguei em um lugar mais de três anos. Em alguns lugares tive que abandonar a cidade, porque meu trabalho produziu distúrbios e revoltas.

“Devo admitir que estive prêso três ou quatro vezes, mas não por algum delito, realmente.

“Minha saúde não é muito boa, embora ainda possa fazer bastante.

“As igrejas nas quais preguei eram pequenas, se bem que localizadas em várias cidades grandes.

“Não me dei muito bem com os dirigentes religiosos dos lugares onde preguei. Em realidade, alguns me ameaçaram e chegaram mesmo a me atacar fisicamente.

“Não sou bom para registrar fatos. Às vezes até esqueço quem batizei.

“Entretanto, se posso ser de alguma utilidade, farei o melhor que possa.”

Este é o homem que em sua primeira carta dedicada a seu discípulo Timóteo escreve: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbítero.”

Paulo ficou livre depois de dois anos de prisão em Roma (cf. Atos 28:30). Aproveita sua liberdade para realizar sua quinta grande viagem, sua última viagem missionária. Deixando a igreja de Éfeso a cargo de Timóteo, se encaminha para a Macedônia. Pouco depois, por volta do ano 64 D. C., escreve sua primeira carta ao jovem missionário.

A Mensagem Tal Como a Entendeu Timóteo

O Contexto de I Tim. 4:14

Em I Tim. 4:11-15 encontramos cinco indicações de Paulo a Timóteo:

- 1) v. 11 — indicações baseadas no contexto anterior.
- 2) v. 12 — indicações com referência à sua juventude.
- 3) v. 13 — indicações quanto ao seu uso da Escritura.
- 4) v. 14 — indicações quanto ao uso do dom que tinha.
- 5) v. 15 — indicações quanto à sua própria dedicação.

Depois, no versículo 16, Paulo parece recapitular tudo com êsse texto magistral: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.”

O Dom que Há em Ti

A palavra grega *Charisma* significa presente, favor. É a mesma palavra com a qual se designa os dons do Espírito Santo em Rom. 12:6 e I Cor. 12:4, 9, 28 e 30. Em Rom. 6:23 é usada para se referir à dádiva de Deus, que é a vida eterna.

Os dons do Espírito em Rom. 12:6-8 incluíam: profecia, ensino, dadivosidade, misericórdia, ministério, exortação e governo.

Em I Cor. 12 se adicionam: dons de curar, ajudas, variedade de línguas, interpretação de línguas, discernimento de espíritos, palavra de sabedoria, palavra do conhecimento, operações de milagres.

Qual era o dom recebido por Timóteo “com a imposição das mãos do presbítero?” É difícil afirmá-lo com certeza. Mas podemos supor que incluía: (a) administração e ensino (I Tim. 4:11 e 13); (b) claro discernimento para distinguir os ensinamentos falsos (I Tim. 1:3 e 4); (c) obra de evangelista (II Tim. 4:5).

A obra de Timóteo era a de um pastor, e Paulo considera que o ministério pastoral é um dom, um *carisma* divino.

Não Desprezes

Em II Tim. 1:6 Paulo acrescenta (Versão Popular em cast.): “Por isso te recomendo que avives o fogo das capacidades *charisma* que Deus te deu quando pus minhas mãos sobre ti.” O Dom de Deus aparece como um fogo interior, que necessita ser permanentemente aivado para que cumpra com sua função. O fogo existe. De Timóteo depende que se mantenha vigorosamente aceso.

“Não desprezes o dom que há em ti.” Não te despreocupes a respeito do dom. Se Deus honra a alguém com uma distinção tal, Ele também espera que esse dom seja generosamente usado para benefício da humanidade.

O Qual te Foi Dado por Profecia

Em I Tim. 1:18 se fala de “... as profecias...” O dom não foi recebido por mediação de profecias. O mais provável é que isto se refira a predições feitas no momento em que Timóteo foi ordenado ao ministério, que descreviam sua futura devoção e bom êxito no ministério. (Ver *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, Vol. 7, pág. 291.)

Com a Imposição das Mãos do Presbítero

Tanto no Antigo como no Nôvo Testamento a imposição das mãos era um sinal externo pelo qual se transferia simbolicamente uma qualidade de uma pessoa a outra (cf. Lev. 1:4; 3, 2, 8, 13; 4:4, 29, 33; 26:21; II Crôn. 29:23). Os levitas foram constituídos por imposição das mãos (Núm. 8:10). Josué recebeu assim a autoridade de Moisés (Núm. 27:18-20). Cristo curou enfermos (S. Luc. 13:13; S. Mar. 5:23) e abençoou crianças (S. Mat. 19:13 e 16); (S. Mar. 10:16.) Os apóstolos comunicaram o Espírito Santo aos recém-batizados (Atos 8:17-19; 19:1-6) e ordenaram diáconos e anciãos (Atos 6:6; 14:23).

A prática era usada também pelos judeus ao nomear os novos membros do Sinédrio.

Paulo afirma aqui (I Tim. 4:14) que a imposição das mãos foi obra “do presbítero.” Em II Tim. 1:6 fala só de “minhas mãos.” O uso de diferentes posições gregas (*metá* em I Tim. 4:14 e *diá* em II Tim. 1:6) têm levado os defensores da teoria da sucessão apostólica a afirmar que Paulo considerava que a verdadeira ordenação tinha sido feita por ele, com suas mãos, e que a presença do presbítero foi puramente passiva, não essencial para a

ordenação. Isto não é defendível nem do ponto de vista gramatical nem do ponto de vista histórico.

Presbítero é uma palavra tardia. Foi aplicada primeiramente no Nôvo Testamento ao Sinédrio judeu (S. Luc. 22:66; Atos 22:5). Somente aqui (em I Tim. 4:14) aparece aplicada no Nôvo Testamento ao conselho de anciãos de uma igreja cristã. *Presbítero* e *bispo* eram duas formas diferentes de designar o mesmo cargo na Igreja primitiva (cf. Atos 11:30; 15:2; 20:17).

Temos aqui, em conseqüência, o caso curioso para nós hoje, que um grupo de anciãos da igreja participe na ordenação ao ministério do jovem Timóteo. É evidente que na Igreja Apostólica não existiam tôdas as distinções que hoje fazemos entre as funções de um pastor e as de um ancião de igreja. Timóteo bem podia se considerar, como Pedro, “ancião” com os “anciãos” (cf. I S. Ped. 5:1).

A Mensagem de I Tim. 4:14 Para Hoje

A Imposição das Mãos

A mensagem de Paulo é dirigida a todos os que receberam a imposição das mãos: diáconos, anciãos e pastores. Mas em forma específica é um chamado de atenção aos que dedicam tôda sua vida para a salvação de almas.

A imposição das mãos em si não acrescenta nenhuma virtude especial ao indivíduo. Mas esse ato simbólico é o reconhecimento público que a Igreja faz da presença do Espírito Santo na vida e no ministério de um missionário. E é a presença do Espírito Santo o que faz com que a imposição das mãos tenha o grande significado que possui. É a Ele e não à igreja a quem em primeira instância deve responder o pastor pelo bom ou mau uso do dom que a imposição das mãos representa. Disto derivam duas advertências: (1) “não imponhas precipitadamente as mãos... (I Tim. 5:22 pp.); (2) Não aceites a ordenação, a menos que estejas certo de que o Espírito Santo está verdadeiramente operando em tua vida.

O Dom que Há em Ti

“O dom que há em ti (trad. João F. Almeida) “as capacidades que Deus te deu” (Version Popular, cast.). Que dom, ou capacidades, tem o pastor depois da ordenação, que não tinha antes?

Como Igreja, ao ordenar um pastor, lhe dizemos o seguinte:

“Hoje, meu amado irmão, foste dedicado solenemente a Deus mediante a oração e a imposição das mãos. Estás, portanto, autorizado pela igreja, não só a ensinar a verdade

mas também a realizar o rito do batismo e organizar igrejas, sendo investido de plena autoridade eclesiástica.

“Tua ordenação é um reconhecimento público do divino encargo que se te conferiu, de levar ao mundo as alegres novas da mensagem evangélica.

“Hoje tomaste sobre ti o voto solene de Cristo ao sagrado serviço de teu Mestre, enquanto Deus e os santos anjos foram convidados como testemunhas de tua entrega em corpo, alma e espírito ao Seu serviço.” — *Manual para Ministros*, págs. 20 e 21.

Isto inclui novas atribuições administrativas. Mas de forma especial destaca a dedicação indivisível dos talentos e energias do novo pastor à tarefa suprema encomendada aos homens.

Lemos e dizemos, às vèzes, que o pastor, além de ser um bom pregador, deve ser um bom escritor, músico, enfermeiro, electricista, construtor, pintor, homem de relações públicas etc. Mas embora seja certo que êle deve saber algo de tudo isto, sua grande função, a qual lhe foi dada pela imposição das mãos, é uma função essencialmente espiritual. É um dom concedido pelo Espírito Santo. É a capacidade especial de conduzir os pecadores à luz da salvação.

“Os homens que foram chamados por Deus devem ser preparados para realizar esforços, para trabalhar fervorosamente e com zelo incansável para Êle, para tirar almas do fogo. Quando os ministros sintam o poder da verdade em suas próprias almas, entusiasmando seu próprio ser, então possuirão poder para comover corações e mostram que acreditam firmemente nas verdades que êles pregam a outros. Deviam manter em mente o valor das almas, e a insuperável profundidade do amor do Salvador.” — E. G. White, *Testimonies*, Vol. 2, pág. 504.

Não Desprezes o Dom que Há em Ti

O dom está em nós. Recebemos o presente. Deus já fez Sua parte. Depende de nós que êsse dom divino cumpra ou não com seu propósito.

“Não desprezes o dom.” Não ajas despreocupadamente, como se não tivesses o dom. Tu és um ministro do evangelho. Foi-te confiado um dom para cumprir com uma função. Não atues agora como se tratasse de algo de pouca importância.

“Não desprezes o dom que há em ti: administrando propriedades, especulando com dólares, ocupando o tempo de um homem consagrado a uma única grande tarefa, em qualquer tipo de atividade marginal (SIDELINE).

Paulo escrevia a Timóteo em II Tim. 2:4: “Ninguém que milita se embaraça com negó-

cios desta vida, a fim de agradar aquêle que o alistou para a guerra.”

Adão Clark comenta:

“Os legionários romanos não tinham licença para se dedicar à agricultura, ao comércio, às atividades manuais, ou a nada que não concorresse com sua convocação. Redataram-se muitos cânones, em diferentes épocas, para impedir que os clérigos se dediquem parcialmente às atividades seculares. Quem queira pregar o Evangelho plenamente, e queira dar uma prova cabal de sua vocação, necessita dedicar-se a essa atividade e nada mais. Deveria ser íntegro nisto, para que os frutos de seu ministério sejam patentes para todos.”

E. G. White, escrevendo a um missionário que dedicava parte de seu tempo a outros interesses, diz:

“V. está sacrificando sua reputação e sua influência no altar de um espírito avarento. A preciosa obra de Deus recebe afronta por êsse espírito que se apoderou de seus ministros. V. está cego, e não vê quão particularmente ofensivas são estas coisas. Se V. se decidiu obter tudo o que pode do mundo, faça-o, mas não enquanto pretende pregar a Cristo. Dedicará seu tempo à causa de Deus ou não o fará. Seu próprio interesse tem sido o alvo supremo para V. O tempo que deveria ter dedicado à causa de Deus o empregou demasiado para suas próprias preocupações pessoais, e V. recebe, da tesouraria de Deus, dinheiro que não ganhou.” — *Testimonies*, Vol. 2, pág. 623.

Não desprezes o dom que há em ti... fazendo o trabalho que o ancião de sua igreja deve fazer, ou atendendo tarefas que o diácono deve atender, o tesoureiro, ou diretor do côro, o encarregado da limpeza, ou qualquer oficial da igreja. O dom que recebeu lhe permite ajudar em um nível mais amplo do que o que êles podem alcançar. Gaste o seu tempo fazendo o que êles não podem fazer. Permita que êles também obtenham a bênção de um serviço fielmente dedicado ao Mestre.

Não desprezes o dom que há em ti... realizando tarefas que podem e devem ser atendidas por tua esposa.

Não desprezes o dom que há em ti trabalhando tanto que tua saúde se resinta e os irmãos não possam desfrutar do serviço que devias prodigalizar-lhes; ou ocupando-te de tal maneira na atenção de tarefas administrativas, estudo e outras atividades importantes, que não te sobre tempo para sentar-te junto a um pecador e descrever-lhe a rota que leva ao Céu.

Faz alguns anos, um encanecido ministro, depois de 27 anos de atividade pastoral, renunciou dramaticamente a seu pastorado, para dirigir uma ativa cruzada de evangelismo. Para justificar sua atitude, disse:

"Durante todos estes anos mantive a congregação em paz e harmonia. Sinto como se tivesse ido de um lado para outro com uma chupeta em uma mão e um cascavel na outra, consolando, dando conselhos, apaziguando e mimando.

"Recolhi fundos e reuni dinheiro com o que construí edifícios. E, como pude organizar reuniões com fins materiais e inspirar congregações para levantar fundos, me consideram um pastor de sucesso.

"Mas, para que continuar? Fiz somente o que tinham feito outros pastores, e trabalhei como eles tinham trabalhado. Ao final de todos estes anos de atuação tenho a impressão de que estive demasiado ocupado com as coisas de menor importância.

"Durante todo o meu ministério havia milhares de pessoas que não procurei alcançar. Enquanto perdia meu tempo para manter a irmã Fulana na lista de contribuintes, havia centenas de pecadores aos quais podia ter me acercado com o poder salvador do Evangelho de Jesus Cristo.

"Não, eu somente estive 'distraindo' enquanto o fogo do diabo consumia as vidas e as almas dos homens por cuja salvação Jesus morreu" (Re-

ligious Digest, setembro de 1951, cit. por Enoque de Oliveira, "Eu estava muito ocupado," O Ministério Adventista, maio-junho de 1960, pág. 4).

Não desprezes o dom que há em ti: esquecendo de encher diariamente os alforjes do conhecimento que te permitirão realizar um ministério cada vez mais amplo e frutífero; ocupando-te de tal maneira na Obra do Senhor que esqueças do Senhor da obra, deixando de atender assim a necessidade diária de contato com a Fonte de toda tua fortaleza com Aquêle que te deu o dom "com a imposição das mãos do presbítero."

Se esse dom deve se desenvolver e frutificar, o contato com a vide verdadeira deverá ser constantemente reforçado, "porque sem Mim nada podeis fazer" (S. João 15:5).

"Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbítero.

"Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos.

"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (I Tim. 4:14-16).

Conferência Sobre Profecia Bíblica em Israel

Uma comissão de reconhecidos pregadores, professores e teólogos está planejando uma conferência sobre profecia bíblica em Jerusalém a instalar-se em 15 de junho de 1971, indo até o dia 18 do mesmo mês. O objetivo da conferência é "reestudar profecias pertinentes à Bíblia e proclamar sua mensagem para nosso tempo." Da mesa diretiva participarão Dr. W. A. Criswell, de Dallas, ex-presidente da Shouthern Baptist Convention, e Dr. Harold J. Ockenga, fundador da National Association of Evangelicals e presidente do Gordon-Conwell Theological Seminary de Wenham, Mass. O Dr. Carl F. Henry, professor de teologia no East Baptist Seminary de Filadélfia e fundador e redator de Christianity Today, é o presidente da comissão de programa da conferência.

A comissão fixou quatro alvos da conferência, que se crê seja a primeira convocação de pensadores cristãos para estudar profecias bíblicas. Os alvos são:

— Criar um "forum público para exame do que a Bíblia tem a dizer sobre as últimas coisas e melhor compreensão das porções proféticas das Escrituras."

— Expressar crença "no retorno literal do Cristo ressurrecto a uma sociedade que incrêdula pergunta: 'Onde está a promessa de Sua vinda?'"

— Ativar "o testemunho cristão mediante renovada advertência de que nossa geração vive mais perto da volta de Cristo do que qualquer geração precedente, e que precisamos dar contas de nossa mordomia."

— Chamar "a séria atenção dos homens em todos os lugares sobre a mensagem da Bíblia para a raça humana em nosso crítico tempo, incluindo a juventude em sua preocupação apocalíptica com o oculto, o ecológico, o hedonístico."

O Dr. Criswell disse que endossava a conferência, porque "os eventos mundiais estão indicando o cumprimento de algumas das grandes profecias das Sagradas Escrituras, especialmente em relação com Israel e a Terra Santa da Palestina."

Estais Realmente Prontos Quando Chega o Sábado?

RUTH HARMS

Espósa do Tesoureiro da Associação do Ohio



NOTA DA REDAÇÃO:

O presente artigo é a substância de mensagem apresentada numa convenção de espósa de pastôres, realizada em Ohio. O tema geral das reuniões foi a guarda correta do sábado. A Sra. Ruth Harms e a Sra. Dorothy Deming foram as oradoras, e a pedido prepararam artigos para publicação consubstanciando a matéria da convenção.

OS últimos raios do Sol vão-se apagando no cinzento do céu. Outra agitada semana está no fim e o santo dia de repouso está começando.

Todos já tomaram o seu banho. Os sapatos estão polidos e enfileirados na sapateira, prontos para serem usados na hora certa. As roupas estão passadas. A casa está limpa, e da cozinha ainda chega o aroma da torta de maçãs e do gostoso pão caseiro. Tudo parece dizer: "Bem-vindo, santo dia!"

O pai chama a família para o culto de pôr do Sol, e um a um todos vão chegando e ocupando os seus lugares. A mãe como que desaba para dentro da cadeira mais próxima, exausta do afanoso preparo para o sábado. No sofá sentam-se três impacientes e agitadas crianças. O pai também está cansado das tensões e pressões que o assoberbaram todo o dia. Como que cochila em sua espreguiçadeira, enquanto lê uma história para as crianças, e então a família se ajoelha para orar. O sábado foi introduzido — não com alegria e cânticos, mas com corpos fatigados e corações despreparados.

Não é incomum que essas circunstâncias se reflitam em nossos lares, e o dia de descanso alcança um anticlímax antes de haver bem começado. Esquecemos que "estamos roubando a Deus quando nos incapacitamos para adorá-Lo em Seu santo dia." — *Orientação da Criança*, pág. 530.

No afã de preparar nossos lares e nossas pessoas para o sábado, esquecemo-nos do preparo de nosso coração, tão necessário para que o sábado seja um deleite. Semana após semana êste programa é repetido e no final do santo dia estamos com um sentimento de culpa e nos lamentamos, sempre com a determinação de que "na próxima semana será diferente."

Com essa firme intenção de que "no próximo sábado será diferente" devemos renovar o nosso coração, pois "para santificar o sábado, os homens precisam ser santos." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 283. O preparo físico somente não basta; tem de haver também o preparo do coração.

Para pormos o coração em harmonia com o sábado, poderão ser necessários alguns sacrifícios pessoais. Por exemplo, na sexta-feira a corrida às lojas talvez tenha de ser transferida para outro dia, ou talvez tenhamos de deixar para outro sábado o vestido que esperávamos usar

neste, porque não deu tempo de terminar. "Em todo o transcorrer da semana devemos ter o sábado em mente e fazer todo preparativo possível para guardá-lo segundo o mandamento." — *Testimonies*, Vol. 6, pág. 353.

É preciso planejar com dedicação. É bom ter *um tempo determinado* para que tudo esteja terminado na sexta-feira. Façam-se planos para que tudo esteja pronto não mais tarde que uma hora antes do pôr do Sol. Se mais cedo melhor, e os resultados serão extremamente compensadores. Isto deixa tempo para o relaxamento e alívio de tensões antes que o santo dia comece.

As tensões que o corre-corre da sexta-feira costumam criar, podem ser aliviadas se se levar em consideração as seguintes sugestões:

1. Façam-se na quinta-feira os trabalhos mais pesados de limpeza, como encerar, passar o aspirador de pó etc.

2. Mude-se a roupa de cama na quarta-feira, em vez de na quinta ou na sexta.

3. Evite-se passar a ferro ou lavar na sexta-feira, salvo em casos de emergência. (Mães com crianças pequenas poderão achar isto impossível.)

4. Escolha-se outro dia na semana que não a sexta-feira para assar o pão e fazer outros quitutes que consomem tempo. O refrigerador é uma conveniência no que respeita à preparação para o sábado.

5. Se há na casa filhos suficientemente crescidos para ajudar uma ou duas horas na quinta ou sexta-feiras, sejam utilizados.

6. Faça-se a feira na quarta ou na quinta, pois isto deixará preciso tempo para a sexta-feira.

7. Seja a sexta-feira reservada só para emergências e conclusões de trabalhos. Uma visita inesperada, chamados telefônicos, crianças que derramam leite no assoalho já encerado, o carro que não pega numa saída de emergência, tudo isto deixa uma dona de casa atarantada se ela não tiver feito preparo prévio para o sábado.

Preparar o coração para receber as bênçãos do sétimo dia é um processo de santificação. "É preciso firmeza moral, disposição... e muita oração para santificar o sábado." — *Evangelismo*, pág. 240.

"Entretanto, grandes bênçãos são prometidas aos que têm o sábado em alta estima e compreendem as obrigações que sobre eles impendem em relação a sua observância." — *Testimonies*, Vol. 2, pág. 702.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Segunda Vinda de Cristo

PERGUNTA 37

Que ensinam os adventistas quanto à segunda vinda de nosso Senhor? Foi-nos dado a entender que os senhores não aceitam os pontos de vista mantidos por muitos cristãos atualmente no que se refere ao arrebatamento invisível, à tribulação e ao anticristo. Por que não aceitam os senhores essas interpretações?

COMO indica nosso nome denominacional, a segunda vinda de Cristo é uma das doutrinas fundamentais da fé adventista. Damos-lhe tal preeminência em nossas crenças em razão de ocupar ela lugar essencial na Sagrada Escritura, não somente no Novo Testamento, mas também no Velho. Já nos tempos de Enoque, foi profetizado: "Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos." (S. Judas 14.) E Jó disse: "Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim Se levantará sôbre a Terra" (Jó 19:25); ao mesmo tempo que Davi declarava: "Virá o nosso Deus, e não Se calará" (Sal. 50:3). E muitos outros profetas escreveram no mesmo sentido.

I. Vários Vocábulos Empregados em Descrever o Advento

Nas tão repetidas predições do glorioso segundo advento de nosso Senhor, empregam-se diversos termos gregos tendo as mesmas nuances distintas e específicas de significação. Mencionaremos as mais importantes, apresentando exemplo de cada emprêgo. Vão aí dez dos principais termos gregos empregados:

Parousia — "A vinda do Senhor está próxima" (S. Tia. 5:8).

Erchomai — "Negociai até que Eu volte" (S. Luc. 19:13).

Apokalupto — "Quando do Céu Se manifestar o Senhor Jesus" (II Tess. 1:7).

Epiphaneia — "A aparição de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tim. 6:14).

Phanero — "Quando aparecer o Sumo Pastor" (I S. Ped. 5:4).

Prosopon — "Da face do Senhor" (II Tess. 1:9).

Analuo — "Ao voltar Ele das festas de casamento" (S. Luc. 12:36).

Hupostrepho — "Tomar posse de um reino, e voltar" (S. Luc. 19:12).

Ephistemi — "Aquêle dia venha . . . sôbre vós repentinamente, como um laço" (S. Luc. 21:34).

Heko — "Conservai o que tendes até que Eu venha." (Apoc. 2:25).

O sentido desses dez termos gregos é altamente significativo. Devidamente compreendidos, habilitam-nos a ter pelo menos um vislumbre da natureza do glorioso aparecimento de nosso bendito Senhor. *Erchomai*, por exemplo, indica o ato da vinda, mas não necessariamente da chegada. *Heko* vai um passo adiante, e não só quer dizer vir, mas salienta chegada também. *Parousia* vai mais longe ainda, pois não somente envolve vinda e chegada, mas a presença pessoal da pessoa que chegou. Por outro lado, *analuo* indica a partida a fim de voltar, ao passo que *hupostrepho* dá a idéia de voltar de uma jornada.

O termo *apokalupto* acentua aparecimento, com a idéia de revelação. *Prosopon* indica a presença real da pessoa que chega, e que todos se acham perante sua face. *Epiphaneia* acentua a glória que acompanha o Salvador em Sua vinda. *Phanero* compreende não apenas o aparecimento, mas também o pensamento de que a pessoa aparecida será vista em seu verdadeiro caráter. A outra palavra, *ephistemi*, acentua a idéia, não só de proximidade, mas em especial, da subitaneidade da vinda do Senhor.

Se bem que as significações anteriores das palavras gregas sejam dadas em sua tradução para o português, esses sentidos nem sempre são definidos, distintos. Há muitas vezes uma coincidência nas nuances do significado.

II. A Compreensão Adventista do Segundo Advento

Por essas considerações preliminares, achamos que se podem tirar conclusões lógicas e razoáveis relativamente ao ensino da Palavra quanto à segunda vinda. O fundamento bíblico de nossa crença pode ser assim enunciado:

1. *Jesus Virá Certamente Pela Segunda Vez.* — O próprio Jesus prometeu voltar. “Voltarei,” assegurou Ele aos discípulos (S. João 14:3). E o apóstolo Paulo declarou que Ele “aparecerá segunda vez” (Heb. 9:28). O Salvador acrescenta mais o pensamento: “Voltarei, e vos receberei para Mim mesmo” (S. João 14:3). Há significação nessas últimas palavras, pois é por ocasião do segundo advento que tem lugar a ressurreição dos santos (I Tess. 4:16).

E isto é de tão vital necessidade, que o mesmo apóstolo declara: “Se Cristo não ressuscitou” (I Cor. 15:14), então “os mortos não ressuscitam” (v. 16); e se assim é, “os que dormiram em Cristo, pereceram” (v. 18). A palavra grega aí empregada por “pereceram” é *apolumi*, que significa “destruídos,” “percidos,” “perdidos.” É o termo empregado em S. Luc. 13:3, que reza: “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente *perereis*”; também em S. João 17:12: “Nenhum d’êles se *perdeu*, exceto o filho da perdição.”

Creemos, portanto, que há boas razões para chamar a vinda de Jesus a “bendita esperança” (Tito 2:13). Ela é, em sentido bem real, a suprema esperança da igreja, pois é ao voltar nosso Senhor que os adormecidos santos são chamados à imortalidade. Será então que o que é “mortal se revestirá da imortalidade” (I Cor. 15:54). E será então que “a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis” (v. 52).

Além disso, os que são trasladados por ocasião do segundo advento (I Tess. 4:15) se encontrarão com os ressuscitados, e, juntos, encontram-se com seu Senhor nos ares (v. 17), e assim estarão “sempre com o Senhor.” Que consolação para os que levaram seus amados ao descanso! Era evidentemente isto que o apóstolo tinha em mente ao escrever: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (v. 18).

2. *O Segundo Advento Será Visível, Audível e Pessoal.* — *a. Sua vinda será visível.* A revelação, torna isto claro, quando diz: “Eis que vem com as nuvens, e *todo olho O verá*” (Apoc. 1:7). Este acontecimento culminante será seguramente visível para os santos de Deus. Eles esperaram pacientemente por Ele (I Cor. 17), e é “aos que *O aguardam*” que Ele aparecerá “sem pecado, . . . para a salvação” (Heb. 9:28).

As hostes impenitentes, porém, hão de vê-

Lo da mesma maneira ao vir em glória. Lemos então “todos os povos da Terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória” (S. Mat. 24:30; ver também S. Mar. 13:26; S. Luc. 21:27).

b. Sua vinda será audível. Descrevendo a volta de Jesus, os escritores bíblicos referem-se muitas vezes ao som de trombeta que a acompanha: “a última trombeta” (I Cor. 15:52); “alarido,” “voz,” “a trombeta de Deus” (II Tess. 4:16; “grande clangor de trombeta” (S. Mat. 24:31). Não consideremos isto linguagem figurada, mas positiva declaração do que terá lugar.

c. Sua Vinda Será Pessoal. A vinda de Jesus não será por ocasião da morte, nem em grande catástrofe, como a destruição de Jerusalém. Requer-se a presença real de nosso Salvador Jesus Cristo. Quando da ascensão, declararam os anjos aos discípulos surpresos: “*Esse Jesus . . . assim virá do modo por que O vistes subir*” (Atos 1:11). A palavra “*Esse*,” traduzida do grego *houtos*, demonstrativo aqui empregado, acentua o fato de que Aquêle que volta será o Jesus real que ascendeu, e não outro. Isto poderia bem ser traduzido: “Mas o próprio Jesus voltará.” A. T. Robertson (em seu *Word Pictures*), comentando Atos 1:11, observa:

“*Assim da mesma maneira (houtos hon tronpon).* A mesma idéia repetida. . . O fato de Sua segunda vinda e a maneira por que ela se efetua, são também descritos pela ênfase da repetição.”

A palavra *parousia*, tão freqüentemente empregada com relação à vinda de Cristo, significa a presença real do Salvador. É o mesmo termo empregado ao descrever a “vinda” de Tito (II Cor. 7:6). (Ver mais a êsse respeito na Seção 4.)

3. *Vários Vocábulos Descritivos Referem-Se a um Único Advento.* — Convém observar particularmente que não há senão *uma* segunda vinda de Cristo salientada na Escritura. Esta é especificamente mencionada como Sua *manifestação* (Tito 2:13), *vinda* (S. Tia. 5:8), *voltar* (S. Luc. 19:12), *face do Senhor* (II Tess. 1:9), *aparecerá segunda vez* (Heb. 9:28), e *virei outra vez* (S. João 14:3). Jesus disse que viria “*outra vez*” (S. João 14:3); e, na parábola, havia de “*voltar*” de Sua viagem (S. Luc. 19:12). Referiu-Se repetidamente a Sua “vinda”, sem nenhuma indicação de um advento de dois cenários ou uma vinda preliminar, secreta ou outra qualquer, para o “arrebatamento” dos santos. A Escritura declara explicitamente que Cristo virá “segunda vez” aos que O esperam para salvação (Heb. 9:28).

(Continua no Próximo número)